

No título: Lucia Osborne-Crowley sobre o julgamento de Ghislaine Maxwell e o abuso sexual

No coração do relato de Lucia Osborne-Crowley sobre o julgamento de Ghislaine Maxwell, *The Lasting Harm*, está uma pergunta sobre quem está autorizado a falar sobre o assunto do abuso sexual, particularmente o abuso infantil. Osborne-Crowley é autora de dois livros anteriores, *I Choose Elena* e *My Body Keeps Your Secrets*, que examinam o trauma contínuo de **24h poker** grooming infantil por um treinador esportivo e estupro violento por um estranho aos 15 anos. Ela traz essa experiência indelével à **24h poker** cobertura jornalística dessa delicada questão e se esforça para esclarecer o que isso significa no início:

"Fui acusado muitas vezes de ser uma jornalista tendenciosa devido à minha história de abuso. Para isso, digo: sim, sou tendenciosa. Todos nós somos, se o admitirmos ou não." Ela continua dizendo, "os jornalistas que encontrei no julgamento de Maxwell – a maioria homens na faixa dos 40 anos – que não tiveram experiência de trauma sexual também são tendenciosos. Essas questões nunca afetaram suas vidas e, portanto, aderem a uma narrativa patriarcal, social e defensiva"; uma que, argumenta, não leva **24h poker** consideração os efeitos abrangentes da trauma e vergonha sobre as vítimas, especialmente quando se trata de falar sobre os crimes. Mais tarde, após o veredicto de culpado, essa questão surge novamente, depois que Osborne-Crowley consegue uma entrevista com um dos jurados, que lhe conta sobre seu próprio abuso infantil – uma experiência que não divulgou anteriormente, mas que compartilhou na sala do júri, e que, por várias semanas, ameaça desviar o resultado, à medida que a defesa apresenta uma moção para um novo julgamento.

Para o período todo, Osborne-Crowley levantou-se às 1h30 da manhã para fazer fila até que o tribunal abrisse, para ter certeza de que uma das cadeiras seria dela; por quase cinco semanas, ela sentou-se "um pé de distância" de Maxwell enquanto as vítimas eram interrogadas. Apesar dessa proximidade, Maxwell existe como uma figura esbatida no tribunal, uma presença constante que também é uma ausência notável. Ela não fala até o veredicto, e as palavras atribuídas a ela no momento do abuso vêm do testemunho das mulheres.

Osborne-Crowley anda **24h poker** uma linha tênue com essa abordagem. Ela intercala a narrativa de 2024, **24h poker** conta testemunhal, com capítulos nos anos 90 e 00 **24h poker** que dramatiza parcialmente as histórias contadas pelas quatro mulheres, Jane, Annie, Kate e Carolyn. Você pode entender a escolha do autor como uma escolha autoral: ela quer que o leitor veja as adolescentes assustadas e vulneráveis pressionadas para situações das quais não tinham recursos para escapar. Mas o próprio ato de reconstruir cenas que a autora não testemunhou tem o efeito de fazer esses episódios parecerem um passo à frente da reportagem e mais próximos do drama de true-crime.

A confiabilidade da memória é central no julgamento, e **24h poker** uma seção apaixonada posterior no livro, Osborne-Crowley argumenta persuasivamente que todos os casos desse natureza deveriam apresentar provas imparciais de especialistas **24h poker** avanços neurocientíficos no entendimento do TEPT e memória do trauma, para que a falha de uma vítima **24h poker** lembrar detalhes exatos pudesse ser melhor compreendida como prova de trauma **24h poker** vez de prova de mentir. Ela também faz o caso para remover o prazo de prescrição para o abuso infantil e para mudar as regras **24h poker** torno de processos por difamação, que são cada vez mais usados para intimidar vítimas e repórteres ao silêncio.

The Lasting Harm é uma leitura dolorosa, e a autora é franca sobre o que o processo lhe custou pessoalmente – duas passagens **24h poker** uma clínica de trauma à medida que **24h poker**

imersão nos detalhes dos crimes de Jeffrey Epstein e Maxwell desencadeia suas próprias lembranças. Ela é inequívoca sobre o propósito de seu trabalho – ela cita a jornalista investigativa Julie K Brown, que diz que "o jornalismo é dar voz aos sem voz", e nisso, Osborne-Crowley teve êxito admiravelmente. O fato de nenhum dos associados masculinos de Epstein ter sido mantido responsável ainda sugere que há muito a ser feito.

Mojos, un local histórico de música en Australia Occidental

Detrás de una fachada pintada de rojo, azul y amarillo de principios de siglo, una joven banda de indie-pop llamada Little Guilt sube al pequeño escenario, rodeada de telones de terciopelo. Están presentando su nuevo sencillo frente a una multitud sudorosa de veinteañeros en Mojoes Bar, un sábado por la noche en North Fremantle. Es una escena que recuerda a Berlín o incluso Austin: un montón difuso de melenas, bigotes y cinturas, flirteo en la mesa de billar, baños comentados y conversaciones nebulosas, rodeadas de pintura descascarillada probablemente más antigua que los propios espectadores.

Esta joven audiencia puede que no lo sepa, pero están de pie en terreno sagrado para la música de Australia Occidental. Desde finales de la década de 1960, Mojoes ha sido un campo de pruebas para algunas de las bandas más queridas del país (y del mundo), desde los iconos locales Tame Impala, los Triffids, los Farriss Brothers (que más tarde se convirtieron en INXS), Pond, Jebediah, Spacey Jane, John Butler, Abbe May, San Cisco y muchos otros demasiado numerosos como para nombrarlos.

"Es una sala de bandas de verdad", dice James Legge, director general de Triple-1-Three, propietaria del local de 200 plazas. "No está pulido en absoluto, tiene algunas astillas y grietas por aquí y por allá, pero hay capas de historia en estas paredes, lo que da a Mojoes su atmósfera".

Tal vez lo aún más notable que las bandas que han tocado aquí sea la historia del propio local, su evolución (y supervivencia) durante más de 50 años.

Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: 24h poker

Palavras-chave: **24h poker - symphonyinn.com**

Data de lançamento de: 2024-08-11